

Ação direta e simbologia das “jornadas de junho”: notas para uma sociologia das manifestações

Irlys Alencar F. Barreira¹

Resumo: As manifestações ocorridas recentemente no Brasil, conhecidas por “jornadas de junho”, caracterizaram-se pela amplitude, rapidez de difusão e capacidade de poder de impacto em vários campos da atividade social. Diferente dos movimentos sociais da era da redemocratização, as manifestações tornaram a ação direta e o uso das redes sociais estratégias capazes de permitir expressividade e visibilidade na esfera pública. Os protestos disseminados em várias cidades brasileiras utilizaram-se de repertórios culturais e políticos oriundos de experiências antigas e recentes. O desafio sociológico de entender todas as manifestações e sua simbologia da ação direta constitui o principal objetivo deste artigo.

Palavras-chave: ação direta – linguagem - manifestações – espaço público - repertório político

Direct action and symbols of “ jornadas de junho” : indications for a sociology of events

Abstract: *The manifestations occurred recently in Brazil, known as “Jornadas de Junho”, were characterized by the amplitude, speed of dissemination and impact*

1 Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) – Fortaleza – Brasil
– Pesquisadora do CNPq – ialencar21@uol.com.br

power capacity in various fields of social activity. Unlike the social movements of the era of democratization, manifestations became direct action and the use of social networking strategies that allow expressiveness and visibility in the public sphere. Protests spread in several Brazilian cities were used for cultural and political coming of old and recent experiences repertoires. The sociological challenge of understanding of the events and the symbology of direct action is the main objective of this article.

Keywords: *direct action–language - manifestations – public space- political repertoires*

Em sugestivo texto nomeado *O grande massacre dos gatos*, Robert Darnton² sugere um caminho metodológico de reflexão interessante sobre como interpretar uma mobilização de trabalhadores ocorrida de maneira nada convencional. O protesto, feito em uma gráfica francesa do século XVIII, assumiu ares de brincadeira e se exprimiu em metáforas alusivas indiretamente às condições precárias de trabalho. Os gráficos ostentavam expressões teatrais sobre uma matança dos gatos ordenada pelos proprietários do estabelecimento por conta de algazarra noturna desses animais. Esta aguçada por imitação de miados provocada sorrateiramente pelos próprios trabalhadores: se eles não podiam dormir, tampouco os patrões teriam noites sossegadas. Excitados com a ordem dos proprietários da gráfica de “matar todos os gatos” espalhados pelas ruas, os trabalhadores incluíram, em represália, o felino de estimação da patroa. Durante a jornada de trabalho eram feitas simulações de julgamento com veredicto e enforcamento dos animais. Risos e encenações pontuavam aquele momento no qual os patrões torciam o nariz, mas não podiam controlar a dramatização grotesca da ordem de matança. O acontecimento tomou o cotidiano da gráfica, com reedição do ocorrido por meio de mímicas e risos que se prolongaram por muitos dias.

As encenações uniram símbolos e linguagens advindos de diferentes repertórios culturais. O momento, precedente à criação de sindicatos e outros modos de mediação de conflitos, tornava aquela forma irônica de descontentamento a expressão inusitada do que mais tarde iria se configurar como lutas operárias por direitos e melhores condições de trabalho.

O que se pode apreender sobre a teatralidade do “grande massacre dos gatos” refere-se às manifestações e aos protestos como linguagens da política. Embora alusivas a sentidos e aportes culturais que acompanham atos de indignação nas situações do antigo regime, as ações de protesto e sua simbologia indicam uma

2 Ver Darnton, 1988.

perspectiva interessante de análise passível de ser recuperada para entender outros momentos e situações.

É partindo dessa inspiração analítica que busco retirar alguns aportes para pensar sobre as manifestações recentes ocorridas no Brasil, tendo por referência a simbologia das mobilizações em sua expressividade. Evidente que as dimensões históricas do conflito analisadas por Darnton são muito diferentes das condições efetivas de atuação institucional e possibilidades de mediação que caracterizam uma democracia consolidada. No entanto, a linguagem do protesto e suas expressões simbólicas permeadas de repertórios culturais e políticos indicam um promissor caminho metodológico.

As manifestações ocorridas recentemente no Brasil, conhecidas por “jornadas de junho”, caracterizaram-se pela amplitude e pela rapidez de difusão, com uso frequente de ação direta e capacidade de poder de impacto na esfera pública. Tatear sentidos, linguagens e expressividade que caracterizaram essa forma de protesto na busca de contribuir para uma sociologia das manifestações constitui o principal objetivo deste artigo.

Os “indignados” brasileiros

É consenso entre inúmeras reportagens jornalísticas, também reiterado por analistas e participantes dos eventos, que as mobilizações de junho de 2013 presentes no cenário brasileiro tiveram como estopim o aumento dos preços das passagens de ônibus³. Após duas semanas de protesto, os governos de São Paulo e de outras capitais, em ritmos diferentes, recuaram da decisão de aumento das tarifas (de R\$ 3,00 para R\$ 3,20), fato interpretado pelos manifestantes como sinal de vitória. As demandas da contestação, inicialmente restritas ao tema “transporte e mobilidade urbana”, ampliaram-se, agregando direitos de saúde, educação e outras reivindicações básicas. As críticas à corrupção também pontuaram a agenda das rebeliões, fundamentando o descrédito nas instituições políticas do país.

Uma espécie de efeito demonstração fez que protestos aparentemente localizados se difundissem a outros espaços citadinos, adquirindo a condição de um fenômeno em cadeia. A identificação de experiências concretas similares, em contextos urbanos diversificados, contribuiu para a legitimação de um coletivo de

3 É relevante mencionar que as manifestações sobre o preço das passagens tiveram precedentes. A revolta do BUZU, de 2003, foi o nome dado a uma série de contestações ocorridas previamente em Salvador, envolvendo 15 mil estudantes secundaristas que defendiam tarifa zero para o transporte público. O movimento do “Passe livre” foi formalizado em 2005, no Fórum Mundial de Porto Alegre, tendo por objetivo lutar por transporte gratuito de qualidade.

manifestantes. A afirmação oportuna da categoria, “os brasileiros”, emergida no fluxo das mobilizações, tornou-se fruto de ação simbólica, nos termos propostos por Champagne (1990), referindo-se a eventos dessa natureza como característicos das manifestações no espaço público presentes em sociedades contemporâneas⁴. Se as mobilizações no espaço urbano brasileiro contribuíram para a construção de coletivos marcados pela expressividade, a juventude tornou-se a principal protagonista do que foi nomeado “sentimento brasileiro de indignação”.

Não obstante a dispersão do cenário de protestos no espaço territorial brasileiro, houve um momento de condensação: duas semanas de passeatas, concentrações e manifestações variadas tornaram as ruas espécies de palcos iluminados, nem sempre pacíficos, pois atravessados por tensões e conflitos envolvendo manifestantes e operadores da segurança pública.

As manifestações assumiram o caráter de uma agenda coletiva de demandas e a disseminação dos eventos teve amplo registro nos meios de comunicação de massa⁵, espaço no qual jornalistas assinalavam opiniões sobre as ocorrências. Eliana Catanhede, jornalista da *Folha de S.Paulo*, em reportagem publicada em 21 de junho de 2013, comentava à época que “os governos recuaram, mas a guerra continua mais forte que nunca. Os manifestantes se descobrem com imenso poder, multiplicam-se pelo país, desdenham os partidos e, notem, ameaçaram cercar o palácio do planalto”. Dia seguinte, o mesmo periódico⁶, na seção Cotidiano designada “País em protesto”, anunciava que o Brasil tinha manifestações marcadas em doze cidades durante o fim de semana. A maioria das mobilizações posicionava-se contra a corrupção e a PEC 377.

Segundo estimativa do Data Folha, 65 mil pessoas protestaram em 17 de junho, em discursos propagados em cartazes e redes sociais contendo críticas aos gastos contundentes com a copa do mundo em 2014. As informações do Ibope⁸

4 Discutindo as manifestações na França como ação simbólica, Champagne (1990) considera que os atos de protesto no cenário público não estão separados das transformações sociais e políticas efetivadas ao longo da história, permitindo a substituição da violência física pelas formas de dominação simbólica.

5 É importante ressaltar o efeito das manifestações no campo jornalístico, cuja cobertura sistemática dos acontecimentos em jornais e noticiários de maior audiência emprestou aos eventos o caráter de reportagem extraordinária, com registro de matéria de capa e editoriais nos principais meios de comunicação dentro e fora do país.

6 O mesmo jornal também noticiava “atos de vandalismo”, depredação de prédios públicos e confronto entre manifestantes e policiais.

7 Proposta de emenda à constituição que limita os poderes de investigação do Ministério Público. As manifestações contra a PEC 37 se fizeram presentes em várias cidades, agregando-se a outras mobilizações contra a corrupção e as más condições de saúde e educação no país.

8 Tendo por objetivo fazer um mapeamento do perfil dos participantes nas manifestações, por solicitação da Rede Globo, o Ibope Inteligência ouviu 2002 manifestantes, em oito capitais brasileiras (São Paulo, Rio

acerca do perfil político dos manifestantes agregaram novas informações acerca da clivagem entre protesto e mediações institucionais: 96% dos manifestantes entrevistados afirmaram não estar filiados a nenhum partido político e 83% disseram não se sentir representados por nenhum político brasileiro⁹.

É importante enfatizar a natureza estratégica das manifestações com a escolha de momentos, lugares e a rapidez de mobilização potencializadas pelo uso intensivo das redes sociais¹⁰. Marilena Chauí referiu-se à dimensão mágica dos protestos, que adquirem essa feição porque “basta apertar um botão para tudo aparecer, assim também se acredita que basta querer para fazer acontecer” (*Teoria e Debate*, jun. 2013)¹¹.

As manifestações, uma vez disseminadas, transformaram-se em espécie de ritual presente em várias cidades brasileiras, repercutindo fortemente no campo jornalístico e televisivo. Para além dos fatos, as opiniões assumiram um caráter de avaliação da política governamental. Distinções acerca da ação de “baderneiros” e participantes das mobilizações que lutavam por direitos eram frequentes, apontando a separação entre o que era considerado “justa reivindicação” e o que era denunciado como “atos de vandalismo” e demonstração da falta de um estadista¹². A própria amplitude das manifestações era significativa de que algo mais profundo se passava, para além da pontualidade do protesto.

A disseminação dos eventos produziu também cenários de tensão no âmbito governamental, agregando avaliações e interpretações. Em resposta aos acontecimentos, o discurso da presidente Dilma Rousseff, alusivo à necessidade imediata de um plebiscito e da aceleração da reforma política, foi objeto de crítica da oposição, revelando o efeito das manifestações no campo do poder.

A “onda de indignação” que assumiu ares de um ciclo de confronto, para usar a terminologia de Tarrow (1998), reacendeu outras formas de protesto urbano. A

de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Fortaleza, Salvador e Distrito Federal), no dia 20 de junho. A margem de erro estabelecida foi de dois pontos percentuais com o intervalo de confiança de 95%.

- 9 As formas de congregação e capacidade de adesão às manifestações foram também registradas na pesquisa do Ibope. Entre os manifestantes, 65% afirmaram ter ido aos protestos acompanhados de amigos ou colegas, 22% foram sozinhos, enquanto 11% estavam na companhia do cônjuge e 8% protestavam ao lado de irmãos ou parentes. O engajamento nas redes sociais foi decisivo, considerando-se que 75% dos manifestantes convocaram outras pessoas para participar das manifestações pelo Facebook e pelo Twitter.
- 10 Refletindo sobre o caráter oportuno das manifestações, Nascimento (2013) afirma que a Copa das Confederações criou o palco de visibilidade da opinião pública, pois mais de cem milhões têm acesso à internet. Ver Nascimento “Decifra-me ou eu te devoro”, www.unb.br
- 11 São manifestações que permanecem como eventos, considera Chauí, pois recusam as mediações, sendo às vezes pautadas pela interpretação dos meios de comunicação de que os partidos são corruptos por essência.
- 12 Ver a esse respeito a revista *Época*, de 1º de julho de 2013, em reportagem de capa: “Cadê o estadista? O povo toma as ruas, a economia desaba, os políticos batem cabeça e o governo muda de assunto”.

mobilização ocorrente na capital cearense intitulada “Fortaleza apavorada”, ocorrida em 13 de junho de 2013, caracterizou-se pela presença significativa de jovens vestidos de preto, com mãos pintadas de vermelho, tendo como demanda fundamental a melhoria das condições de mobilidade urbana e segurança pública na capital cearense. Os apelos à participação contidos na convocatória apresentavam depoimentos, denúncias e opiniões sobre o medo de morar e transitar nas ruas da cidade. As redes sociais registravam uma cadeia sucessiva de relatos sobre situações de violência: todos tinham uma história para contar. O medo era suporte das manifestações, incitando a ocupação dos espaços públicos e a intolerabilidade da situação de moradia na cidade: a certeza de que era preciso “fazer algo”.

Outras mobilizações mais amplas e impactantes, ocorridas durante a Copa das Confederações de 2013, em Fortaleza, reproduziram o cenário brasileiro de protestos, com registro de conflitos entre polícia e manifestantes ocorridos na via de acesso ao estádio Arena Castelão.

As mobilizações recentes que aconteceram e vêm acontecendo em importantes capitais do país diferem do que ficou classicamente definido como movimentos sociais. Prefiro designar por manifestações esse conjunto de eventos que se fez presente na esfera pública, baseando-me na definição de Pierre Favre (1990), que qualificou os cenários de protesto na França como fruto de um deslocamento coletivo organizado sobre a via pública com a finalidade de produzir um efeito político de uma opinião ou reivindicação. Distingue o autor a manifestação da procissão, do motim e da reunião, considerando sua inscrição legítima no âmbito das demandas oriundas de múltiplas esferas da vida social. No intuito de elaboração de uma tipologia estariam as manifestações classificadas em iniciadoras, agregando ações que desejam reconhecimento de uma reivindicação reprimida, as que expressam crise e as expressões rotineiras associadas a datas significativas¹³.

As manifestações referentes à crise afrontam diretamente o Estado, incorporando um público amplo de participantes que nem necessita de pedir apoio à imprensa, pois esta não pode ignorar o evento. A dinâmica mobilizadora é intensa e cada evento promove ações subsequentes, criando um ciclo de manifestações.

É possível pensar que os protestos ocorrentes no cenário brasileiro se aproximariam dessa última forma de expressão, embora não diretamente associados à ideia de uma crise pontual. Puseram em suspenso a ideia de representação política,

13 As manifestações iniciadoras podem ser exemplificadas nos primeiros movimentos feministas, atingindo inicialmente um grupo potencial que ainda não dispõe de organização. Os homossexuais constituem outro exemplo. O objetivo deste tipo de manifestação é construir a recepção de novos sentidos. A estratégia de busca de reconhecimento na imprensa é forte. Na manifestação rotineira as ações se extinguem em sua temporalidade, pois encontram seu princípio em eventos do passado.

explicitando valores, princípios e formas de organização distintos de outros movimentos sociais, a exemplo dos sindicais, populares (urbanos e rurais), diferindo também dos movimentos de identidade (mulheres, quilombolas, indígenas etc.).

O caráter efusivo e irradiador das manifestações, com uso frequente da ação direta, evidenciou linguagens de protesto configuradas pela simbologia da força e da visibilidade.

Ação direta: expressividade e visibilidade das “jornadas de junho”

A ação direta é quase sempre avessa ao princípio da mediação, tendo como característica o uso da ostentação radical e da visibilidade como elementos indutores de aparecimento público. Dotadas de intenso poder de difusão e impacto, as “jornadas de junho” moldaram-se nas redes sociais e no espaço público, tornando a expressividade e a visibilidade não apenas uma estratégia pontual, mas o próprio modo de ser dos eventos. As ruas, enquanto lugar de intensa ostentação, funcionaram como um grande palco no qual as ações desenvolveram-se, reunindo repertórios coletados de um conjunto de amplas experiências, algumas das quais advindas dos próprios movimentos sociais: o quebra-quebra dos transportes, as “diretas já”, os saques e outras manifestações.

É possível afirmar que a ação direta vem se desenvolvendo sob o princípio de uma busca da justiça premente que não se restringe à ordem legal. Comporta um repertório variado de indignação que às vezes se traduz na luta contra um “sistema”. Luta que possui uma historicidade.

Analisando a economia moral da multidão inglesa do século XVIII, Thompson (2005) trabalhou a hipótese de que as manifestações que faziam uso da ação popular direta buscavam sobretudo legitimar-se no cenário público. Os motins da fome, cuja prática evocava os temas da cultura, do costume e da razão, eram caracterizados pela explosão massiva de revolta contra o preço dos produtos agrícolas, afirmando a convicção da falta de respeito aos valores morais. A ideia de um bem-estar comum acima de interesses corporativos e a própria noção de “povo” produziam uma eficácia simbólica difícil de ser negada como justa. O autor, na busca de recuperar os repertórios culturais subjacentes às manifestações, referiu-se à mentalidade, à cultura política, às superstições e às tradições de trabalhadores como móveis da mobilização. O peso simbólico dos protestos conectava-se às profundas emoções despertadas pelo desabastecimento: alguns a lucrar em situações de emergência que ameaçavam a vida.

O pressuposto de ordem moral e a eficácia simbólica dos motins constituíram, na visão de Thompson, uma alternativa analítica às explicações lineares de natureza econômica e política, suscitando uma importante agenda de pesquisa.

A dimensão moral dos protestos encontra-se também presente na versão dos participantes das manifestações brasileiras, em depoimentos que comparam os gastos feitos com a copa e as verbas destinadas a serviços de educação e saúde. Moralidade também extensiva ao tema da corrupção, que pontuou parte significativa das falas de manifestantes.

É justamente a dimensão expressiva das manifestações e seus repertórios, ressaltada no cômputo da ação direta, que importa reter para se pensar sobre as “jornadas de junho”. Nessa perspectiva é também relevante dialogar com as ideias de Tilly (2008) a respeito das possibilidades de entendimento das ações coletivas de protesto. O autor arquitetou sua teoria da ação política criticando abordagens deterministas, seja de caráter econômico ou psicológico, tendo como chave analítica o conceito de “repertório” de ações coletivas. Supunha o repertório um registro de padrões de conflitos (greves, petições etc.) compilados da imprensa e desdobrados em uma tipologia de ações¹⁴ baseadas em rotinas e interesses. Posteriormente, o analista de mobilizações coletivas valorizou a perspectiva dos atores sociais. Para além dos padrões estruturais de comportamento, incorporou como variáveis de análise a criatividade e o improviso, associados à modularidade de símbolos que facilitaria a transposição de bandeiras de vários movimentos, incluindo ainda a própria narrativa dos agentes. Os atores em litígio lidariam com repertórios a ser reinterpretados, assim como os músicos de *jazz* fazem com suas partituras.

O repertório cultural e político presente nas manifestações brasileiras inclui a experiência dos movimentos sociais, outros registros de ação direta (saques e quebra-quebras), incorporando também linguagens contemporâneas provenientes de sociabilidades juvenis.

Embora as manifestações diferenciem-se dos movimentos sociais da época da redemocratização, algumas práticas semelhantes podem ser encontradas. As mobilizações dotadas de visibilidade e os usos das ruas como lugar de expressão de descontentamento fazem parte da trajetória dos movimentos sociais das décadas de 1970/1980. O processo de disseminação de organizações em diferentes recantos do país, com a participação da imprensa escrita e televisiva, caracterizou um momento no qual se observou a busca de legitimação de atores no espaço público.

Os quebra-quebras de transporte¹⁵ que pontuaram momentos variados de conflitos urbanos e os saques constituem referentes mais antigos que merecem ser mencionados. Posteriormente, as mobilizações contra o governo Collor, com a

14 Para uma exposição sobre a trajetória do conceito de repertório em Tilly ver Alonso, 2012.

15 Ver Moisés; Verena, 1977.

participação de jovens denominados “caras pintadas”, evidenciaram a construção de uma estratégia de impacto com uso mais incisivo dos meios de comunicação.

A onda de saques e mobilizações com repercussões em todo o país¹⁶ ocorrida em 5 de abril de 1983, na cidade de São Paulo, constitui uma outra experiência de impacto a ser registrada no acervo dos repertórios políticos brasileiros. Após manifestação de 2.500 pessoas contra o desemprego, ocorrida no largo Treze de Maio, espaço tradicional de encontro de migrantes e desempregados em São Paulo, os participantes dirigiram-se à administração do bairro de Santo Amaro. Pelo caminho iniciaram-se saques com assalto de roupas, calçados e alimentos¹⁷. Os saques e outras expressões de protesto (derrubada das grades do Palácio do Governo) estenderam-se, no período da manhã, pelo bairro de Santo Amaro, espalhando-se pela cidade em episódios dispersos, demonstrando que as mobilizações oscilavam entre ações de revolta espontânea e tentativas de dar uma diretriz política ao conjunto das práticas de contestação. O evento que ficou registrado como o “movimento dos desempregados”, não obstante ter utilizado o recurso da ação direta, buscou organizar-se por meio de lideranças que assumiram o papel de interlocutores junto aos poderes institucionais. Distinguiu-se, portanto, das manifestações mais recentes, havendo os sindicatos atuado como canal de negociação.

A ação direta vem se tornando uma linguagem recorrente no âmbito das manifestações brasileiras atuais. Observa-se nessa forma de aparecimento no cenário público o uso do corpo, a linguagem da não tolerabilidade ou a indignação presentes na palavra “basta”. As expressões “não queremos mais”, ou “não toleramos mais” são significantes que caracterizam as práticas contestatórias, impondo-se não apenas como estratégia, antes indicando o próprio modo de ser das manifestações que abdicam da lógica processual das demandas e negociações. A forte presença das redes de comunicação e a capacidade de mobilizar manifestantes, em curto espaço de tempo, diferem do uso estratégico que faziam os movimentos sociais de táticas de acampamento em edifícios públicos, greves de fome e outras ações de impacto como formas pontuais de exigências de negociação.

As manifestações atuais são em sua totalidade dotadas de visibilidade, tornando-se expressão generalizada e móvel. O trajeto no espaço urbano publiciza conteúdos, valores e símbolos como uma espécie de “carteira de identidade coletiva” (Canevacci, 1988: 191). Primam pelo poder coletivo de aparecimento,

16 A pesquisa sobre o evento foi publicada em Barreira; Stroh 1984.

17 O periódico *Folha de S. Paulo*, de 5 de abril de 1983, assim descreveu a ocorrência: “Pelos corredores, entre as paredes e as duas portas de aço arrombadas, um corre-corre de gente desesperada para levar o que conseguisse, nos carrinhos, nos cestos, em caixas, em sacos plásticos, nas prateleiras de ferro arrombadas das paredes ou nos braços”.

ênfatisando o sentido de uma prática que se organiza em sistema de redes. A participação numericamente ampliada teatraliza a força do coletivo, “ao vivo e em cores”, concretizando o sentido da participação. A dimensão de visibilidade torna-se aí fortemente presente¹⁸, fazendo que a linguagem do protesto que se apresenta nas ruas conecte-se ao tema da visão.

A ocupação das ruas por manifestantes cria um espaço de enunciação de “atos de fala pedestres”¹⁹ (Certeau, 1994: 179), comportando relações entre posições diferenciadas. É possível assim pensar que o caminhar sob forma de protesto representou, na situação brasileira, uma espécie de reconquista não só das ruas, mas do país. Embora o estudioso da percepção da caminhada como linguagem se referisse às práticas ordinárias mais que à eclosão de protesto, registrava em sua análise os procedimentos multiformes, astuciosos, resistentes e teimosos que escapam à disciplina do planejamento urbano sem ficar fora do campo onde se exercem. A ação direta pode ser vista como a linguagem nativa e hiperbólica das manifestações exprimindo as tensões de um coletivo²⁰.

Imprimem também as manifestações o sentido de retomada da cidade: a rua como lugar de se fazer política. A esse respeito Harvey (2013) observa a rua como lugar no qual os direitos, ao transformar-se em públicos, tornam também os cidadãos públicos em suas demandas. Diz ele: “foi nas ruas que os checos se libertaram em 1989, foi na praça da Paz Celestial que o movimento chinês buscou alternativa de direitos e foi através de massivos comícios que a guerra do Vietnã foi forçada a terminar”. Outros exemplos enumerados pelo autor indicam as ruas como espaço de construção de demandas coletivas e linguagens reivindicativas (Harvey, 2013: 33).

Na condição de atores de uma cena da qual se sentem excluídos, os manifestantes buscam imprimir uma marca, tornando o corpo uma espécie de bandeira de luta. O corpo é também signo de uma temporalidade, tal como pensou Mauss (1986) referindo-se ao modo como os homens dele se servem em várias sociedades. As formas de andar, de falar e escutar afirmam expressões nas quais se ligam o biológico, o moral, também o físico e o intelectual. As manifestações, poder-se-ia acrescentar a essa formulação inaugural, exprimem um modo

18 Refletindo sobre o tema da visibilidade, Merleau Ponty (1980) considera que há uma forma de conhecer que é irredutível ao pensamento falante, mas inerente ao exercício das faculdades humanas sensíveis. Na pintura as qualidades de luz, cor, profundidade seriam sensíveis porque ecoam em todo o corpo.

19 As reflexões de Michel de Certeau (1994) a respeito do uso do espaço urbano como linguagem apontam aspectos interessantes à análise. Os usos representariam uma maneira de exercitar uma linguagem que subverte a disciplina dos espaços, instaurando uma retórica que condensa e desloca sentidos.

20 A prática de barricadas parta trancar as ruas, impedindo a passagem de carros para a reunião da Organização Mundial do Comércio em Seattle, pode ser considerada um exemplo significativo de ação direta.

peculiar de uso do corpo, ostentando o desafio de “fazer a hora”, construir o acontecimento. O uso de máscaras e outras formas de encobrimento não revela só o medo de ser reconhecido mas também a relação paradoxal de diluir-se em um aparente coletivo carnavalesco. A forma direta de exigir direitos mescla, por outro lado, o desejo de reconhecimento e realização²¹. Desejo de apresentar-se na sociedade brasileira.

Os *Black Blocs*, embora não representem a totalidade dos integrantes das manifestações, podem ser considerados expressão ideal típica no sentido weberiano da ação direta, ostentando, de forma radical, a teatralidade dos conflitos. Um dos líderes²² assim se posiciona: “Considero a ação direta uma estratégia tão importante quanto a não direta. Nossa sociedade vive permeada por símbolos e saber usá-los é essencial a qualquer demanda, seja ela política ou cultural. Participar de um *Black Bloc* é fazer uso desses símbolos para quebrar preconceitos e condicionamentos. Não só do alvo atacado, mas até da própria ideia de vandalismo. [...] A sociedade tende a considerar a depredação como algo ‘errado’ por natureza. Mas se nós sabemos que os alvos atacados, em sua maioria agências bancárias, até o momento não foram realmente prejudicados – ou seja, os danos financeiros são irrisórios –, qual é o real dano de uma estratégia *Black Bloc*? Por que deveria ser considerada errada *a priori*? Não há violência no *Black Bloc*, há *performance*”²³.

Esta fala é indicativa de que a ação direta porta uma linguagem complexa de símbolos a ser decifrados e uma estratégia que se associa à ideia de enfretamento. A versão de que a “violência era a resposta a um sistema violento” permeou algumas falas de participantes em episódios diversos ocorridos no espaço urbano²⁴.

Uma análise sobre os cartazes e as palavras de ordem proferidas durante as manifestações revela outros pontos interessantes a ser abordados.

21 Ridenti observa que os manifestantes se expressam como espetáculo e usam a internet para massificar uma cultura de celebridade, tirando fotos de si mesmos. <http://www.unicampm>

22 Ver entrevista concedida à *Carta Capital* do dia 8 de dezembro de 2013. Ver também: Para citar *black bloc*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/522441-nao-ha-violencia-no-black-bloc-ha-performance>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

23 As estratégias de depredação e outras manifestações dessa ordem são bastante discutíveis do ponto de vista de sua legitimidade. A pesquisa feita pelo Ibope anteriormente citada revela que para a maioria dos manifestantes (66%) as depredações de bens públicos e privados nunca são justificadas, independentemente das circunstâncias do protesto, ao passo que para 28% as depredações são legítimas em certas circunstâncias e para 5% elas são sempre justificadas.

24 Um vídeo feito por equipe de jornalistas, sob direção de Pedro Rocha, registrou depoimentos e conflitos entre manifestantes e policiais nas ruas de Fortaleza. A filmagem apresenta não só as ações de protesto em suas formas radicais como a atuação da polícia, também acusada de vandalismo pelos manifestantes. Ver: Com vandalismo, página do coletivo Nigéria: <<https://www.facebook.com/Nigériafilms>>.

As vozes das ruas: a linguagem das palavras de ordem

Afaste de mim esse cale-se.
Uma cidade muda não muda!
Paz sem voz é medo!

São muitos os cartazes e as palavras de ordem proferidas durante as manifestações. As falas do protesto, dotadas de diferentes conteúdos temáticos, são indicativas do caráter difuso das demandas. Ao contrário da economia simbólica de cartazes e dizeres que acompanham tradicionalmente as ações coletivas públicas dos movimentos sociais tradicionais, a profusão de frases nas manifestações, algumas das quais elaboradas individualmente pelos participantes, indica a diversidade cultural e política que caracterizou as “jornadas de junho”. Vale a pena apresentar alguns exemplos agrupados aleatoriamente segundo temáticas.

Referências à tarifa dos transportes

Ceci n'est pas une transporte; Se não baixar, a cidade vai parar.
Ah, mas que vergonha, o ônibus está mais caro que a maconha.
Vem pra rua, vem, contra a tarifa! Ô, motorista, ô, cobrador, me diz aí se seu salário aumentou; Não é mole, não! Dormir com fome pra pagar a condução!
Se a passagem não baixar, olê, olê, olá, eu vou protestar! Catracas vão rolar!
A tarifa abaixou, mas o povo não calou.

Referências à copa

Copa do mundo eu abro mão, quero dinheiro pra saúde e educação.
Brasil! Vamos acordar, o professor vale mais que o Neymar!
Copa pra quem?
Fifa, *go home*.
Ei, Neymar, a Copa é pra roubar.
Futebol que nada, acabou a palhaçada.

Referências ao governo e a políticas públicas

O povo unido não precisa de partido!
Todos contra a corrupção.
Menos vândalos no Congresso Nacional.
Meu partido é um coração partido.
Parasita, otário! Não percebeu que o movimento é apartidário?
Queremos direitos, não direita!
Fora, militante.

Hoje eu tô feliz! Saí na rua pra mudar o meu país!!!!
 Ô, seu prefeito, governador! A sua batata já assou.
 Não é a Grécia, não é a Turquia, é o Brasil que sai da letargia.
 Desculpem o transtorno, estamos tentando mudar o país.
 Era um país muito engraçado, não tinha escola, só tinha estádio!
 Quando seu filho ficar doente, leve ele ao estádio.
 Professor, te desejo o salário de um deputado e o prestígio de um jogador
 de futebol.

Convocatória

Ei, perua, sai do *shopping* e vem pra rua.
 Você aí de gravata, vem pra passeata.
 Saímos do Facebook, quem falou que era impossível?
 Recalque de ditadura bate na minha geração e volta!
 Somos a rede social.
 Obrigado por lutarem pelo meu futuro!
Closing streets to open ways.
 O movimento é *sexy*.
 A geração Coca-cola acordou

Observa-se em cartazes e palavras de ordem interpelações feitas de forma irônica a distintas categorias sociais: *motorista, cobrador, parasita, otário, militante, prefeito, governador, perua, indivíduo de gravata* etc. Elas exprimem o sentido de uma convocação ampla diferente de apelos alusivos à representação (falar em nome de) referentes a categoria de trabalhadores ou classes sociais nos movimentos urbanos da era da redemocratização.

A linguagem atual dos manifestantes é também advinda de experiências e lugares diferentes. Incorpora repertórios provenientes de sociabilidades juvenis com a tônica de paródias na forma *rap*. Também acervos apropriados e ressignificados dos movimentos sociais das décadas de 1970 e 1980, mesclados com falas utilizadas nas redes sociais. São registros formulados por uma bricolagem de símbolos e atores: torcida organizada, jovens partidários da filosofia anarquista, integrantes de grupos juvenis da periferia, jovens de classe média etc. Trata-se de uma variabilidade de expressão que vai tomando a forma de cada contexto urbano, apresentando-se ora como unidade, ora como diversidade, assumindo também a forma de multidão²⁵ com várias faces.

25 Cava (2014; ver artigo citado nas Referências), amparando-se na filosofia de Spinoza, discute o termo multidão para referir-se à diversidade dos participantes nas manifestações. Excluindo a difícil ideia por

Uma *performance* juvenil mostrou-se no uso de artefatos, de pinturas que seguiam a estética *dark*, observando-se também trechos ou títulos de músicas²⁶, gírias, piadas, paródias. Configuram-se expressões típicas de uma geração que vivencia, em grande parte, a prática da contestação pela primeira vez e o faz reproduzindo nas ruas encontros que se dão em redes, irradiando palavras que são fruto de imaginação e improviso²⁷. Redes que também transcendem nacionalidades. Analisando as mobilizações da Tunísia e da Islândia, Castells (2012) observa que elas transformaram-se em modelos de inspiração para outros contextos sociais, transitando entre o ciberespaço e os espaços públicos. Refletindo sobre a criatividade político artística das manifestações observa o autor, tendo como exemplo a Síria, a presença de um *design* gráfico inovador que criou imagens de avatares, minidocumentários, *web* séries do You tube, montagens fotográficas etc. Os indignados da Espanha, por exemplo, notabilizaram-se pela existência de múltiplos discursos, um “ecossistema de linguagem indicativo de novas subjetividades” (Castells, 2012: 99).

O sentido de inovação deve também ser relativizado na situação brasileira. Frases contidas nos cartazes das manifestações evidenciaram também a influência dos meios de comunicação de massa na reiteração de princípios que deduziam da atuação de políticos, considerada negativa, a percepção avessa e desacreditada da política e das instituições da sociedade democrática.

Uma espécie de bricolagem caracteriza a linguagem variada das manifestações, com frases marcadas pela pontualidade sintética, com propósito de impactar, fazendo uso do humor e da ironia²⁸. Trata-se do poder de exacerbar palavras de ordem do passado e/ou ironizar crenças nas instituições. As falas são também ressignificadas. Nos movimentos sociais de 1970 a ideia do “povo unido jamais será vencido” constituía um ideal de unidade, novamente apropriado nas manifestações com a conotação de paródia indutora de radicalidade contra as instituições: “O povo unido não precisa de partido”.

A amplitude da agenda de reivindicações, tornando as mobilizações mais indicativas de descontentamento que mediações com a finalidade de

ele defendida de exercício de uma democracia constituinte, é importante recuperar a reflexão sobre a multidão como redes de singularidades.

26 Ver as músicas “Cálice”, de Chico Buarque, e “Minha alma (A paz que eu não quero)”, do Rappa.

27 A ideia de que os núcleos funcionariam como nós de rede, focos de proliferação, mensagens e emoções está presente em Domingues, 2013.

28 Comparando as manifestações brasileiras com os movimentos do Oriente Médio, Gohn (2013; ver seu artigo nas Referências) destaca a estética particular de vestuários, cartazes e comunicação baseada em redes e formas horizontais com dinâmica que evoca um laboratório de experimentação. Trata-se, na percepção da autora, de novas formas de fazer política, tendo como uma das especificidades o vínculo com as redes sociais e a feição antipartidária.

negociação, pode ser percebida na seguinte frase: “É muito motivo!!! Não cabe aqui no cartaz!”.

Repertórios e sentidos: Tateando fragmentos rumo a uma sociologia das manifestações

Falar sobre as mobilizações que ocorreram e continuam ocorrendo na sociedade brasileira é realizar uma espécie de sociologia no “calor da hora”, considerando serem muitas as possibilidades de interpretação, assim como correr o risco de conclusões apressadas.

O cenário das mobilizações no Brasil, com forte agenciamento de participantes e o impacto das ocorrências, gerou a busca de explicações. Qual a grande surpresa desses eventos?

No campo intelectual as manifestações produziram debates e opiniões significativas. Os congressos da Anpocs, da SBS e eventos, amplos ou específicos, em várias universidades²⁹ impuseram aos intelectuais a tarefa de refletir sobre os acontecimentos, considerados surpreendentes³⁰.

De fato, por conta de uma suposta apatia da população brasileira, ou homologia entre movimentos sociais e Partido dos Trabalhadores no poder, as “jornadas de junho” soaram como uma espécie de retomada da capacidade de contestação popular: o despertar de um *sono*, iniciado desde o momento em que lideranças representativas de setores organizados da sociedade civil passaram a ocupar funções importantes em cargos de representação política.

No conjunto das interpretações proferidas por intelectuais, duas hipóteses com variações parecem sintetizar explicações para a amplitude dos eventos. A primeira refere-se à baixa representatividade de lideranças políticas, associada à não legitimidade das instituições. A segunda diz respeito à crise do sistema econômico,

29 Tive oportunidade de proferir conferência na Universidade Federal de Porto Alegre em 23 de setembro de 2013 intitulada “Vozes das ruas: interpelações a uma sociologia das manifestações”. O 37º Encontro Anual da ANPOCS, realizado em 23-27 de setembro, em Águas de Lindoia, tratou o tema na mesa denominada “Conjuntura”. No XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, SBS, 10-13 de setembro de 2013, na UFBA, Salvador, coordenei a mesa-redonda “A sociedade em movimento: as vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais”. Na Mostra SESC Cariri de Culturas, IV Seminário Arte e Pensamento: Reinventando o Nordeste, 11-12 de novembro de 2013, em Juazeiro do Norte (Ceará), coordenei outra mesa com o mesmo título da apresentada no Congresso da SBS. O Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFC, em 12 de fevereiro de 2014, apresentou mesa sobre as manifestações como parte da semana de abertura do semestre.

30 Com o sugestivo título “O que está acontecendo?”, o debate ocorrido no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo reuniu intelectuais cujas áreas de atuação e pesquisa estavam conectadas ao tema, com o objetivo de refletir sobre as manifestações ocorrentes no cenário brasileiro. Foram ressaltadas no debate, entre outras, reflexões sobre a natureza explosiva da juventude sem liderança ou partido, os elementos de festa e inserção de participantes inaugurais no espaço público, o caráter inusitado das mobilizações e os seus efeitos nos meios de comunicação.

incapaz, no momento, de absorver as exigências do aumento de padrão de consumo e a ampliação do mercado de trabalho, sobretudo para a categoria de jovens³¹. A falta de representatividade e legitimidade política ganhou reforço sobretudo por conta das declarações de manifestantes sobre a feição antipartidária dos eventos³².

A conjunção das duas hipóteses está também presente na busca de explicação do fenômeno. O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, pronunciando-se sobre as manifestações no Brasil, afirmou, por exemplo, ser “necessário que as duas narrativas (democracia participativa e inclusão social intercultural) retomem o dinamismo que já tiveram. Se assim for, o Brasil estará a mostrar ao mundo que só merece a pena pagar o preço do progresso aprofundando a democracia, redistribuindo a riqueza criada e reconhecendo a diferença cultural e política daqueles para quem progresso sem dignidade é retrocesso”³³.

As hipóteses sobre a crise econômica e/ou precariedade da legitimação política são interessantes na busca de ultrapassar a dimensão fenomenológica dos eventos, embora não expliquem como problemas de longa existência só em determinado momento são capazes de desencadear ações coletivas de protesto, sobretudo de magnitude considerável.

Nesse sentido, torna-se importante substituir a difícil e complexa explicação acerca dos “porquês” dos eventos para buscar entender a linguagem (sentidos e repertório) dessa prática contestatória no espaço urbano que se irradiou de modo generalizado, tendo como característica a forte presença da ação direta.

Protestos no cenário público não são, entretanto, um objeto de fácil decifração. Referindo-se às dificuldades de pesquisar e teorizar sobre o objeto “manifestações”, Offerlé (1990) considera que as análises não dão conta dos odores, das cores e do prazer de estar juntos, sendo as emoções do momento nem sempre passíveis de explicações imediatas. A escritura dos eventos deveria permitir observar que as manifestações seriam, ao mesmo tempo, uma interação concreta e uma construção simbólica feita por agentes que se articulam e lhes dão sentido. Os desfiles se dão não só nas ruas, mas nos jornais e noticiários. As ruas têm seu simbolismo, tornando-se lugar legítimo de investimento político.

31 Antunes afirma que as rebeliões constituem o fim da letargia e o transbordamento de múltiplos descontentamentos. Segundo suas palavras: “E podemos dizer que tal processo de desenvolvimento chegou próximo à sua exaustão. A população não suporta mais o transporte privatizado, a saúde precarizada, degradante (e também privatizada em parte), o ensino público profundamente degradado e abandonado” (2013: 38).

32 O livro de Nobre (2013) *Choque de democracia* desenvolve a hipótese de que as manifestações demonstram a incapacidade de diálogo entre representantes e oposição. O diálogo estaria rompido desde a existência de pacto entre esquerda e PMDB, que, em nome da governabilidade, limitou a expressão das forças de oposição criando partidos sem direção e reformas sem continuidade.

33 Ver: <<http://www.cartamaior.com.br>>, Debate Aberto, Boaventura de Souza Santos: O preço do progresso.

Em síntese, as manifestações constituiriam um conjunto de ações dotadas de múltiplas significações e muitos usos. A questão não seria apenas saber o que se passou, mas compreender o ponto de vista dos diversos agentes que contribuem para a construção de um coletivo sobre a via pública.

Além dos sentidos atribuídos aos eventos pelos participantes, não é possível esquecer o caráter amplo que assumem os protestos em escala mundial. Se o sentido das manifestações encontra-se associado a interpretações dos agentes sobre o seu significado, como encontrar uma chave de leitura capaz de abdicar da linearidade explicativa e incorporar a complexidade das práticas de protesto no cenário público?

A passagem das carências às reivindicações é um tema clássico na sociologia dos movimentos sociais, e são vários os estudiosos interessados em superar a questão das determinações³⁴, tanto de ordem econômica como política. Atualmente, a presença marcante das redes sociais vem acionando um outro fator considerado determinante que pode também simplificar a ideia de que as ações coletivas são frutos de uma sociedade hiperconectada. Isso não impede pensar sobre a importância das redes sociais como elemento de adesão à ação coletiva que interfere decisivamente na dimensão expressiva das manifestações.

Uma sociologia das manifestações deveria buscar o entendimento das ações em sua expressividade, para além da relação causa e efeito. Entendê-las como práticas e linguagens dotadas de sentidos múltiplos que não podem se resumir a ausências de cidadania, racionalidade, estratégia política, direção ideológica etc. As manifestações são inclusive emanadas da própria democracia, portando novos e antigos repertórios culturais e símbolos provenientes de sociabilidades diversas.

A profusão de sentidos não é também algo evidente, considerando-se a diversidade dos participantes das manifestações, a polifonia das vozes e a dificuldade de “tradução” e enquadramento das demandas. A esse respeito Zizek (2013) propõe, para analisar os protestos de Wall Street, uma atitude analítica de silêncio à pergunta “o que eles querem?” direcionada geralmente aos participantes. Considera que a formulação dessa questão³⁵ termina por exigir dos protestos a necessi-

34 Na busca de entender as motivações de agentes para participar de mobilizações, Tarow (2009) observa que o confronto estaria mais relacionado a oportunidades de ação coletiva, aumentando quando as pessoas têm recursos externos para escapar da submissão e encontram oportunidade para usá-los. A categoria oportunidade política permitiria entender como a mobilização estende-se de pessoas com grandes queixas e recursos para outras com menos queixas e recursos. A perspectiva da oportunidade permitiria também a busca de mediações analíticas voltadas para entender o que seria o contexto específico da mobilização. Ressalta-se dessa reflexão a importância de não associar, de forma dedutiva, carências sociais e manifestações.

35 Evocando uma interpretação baseada na psicanálise, o autor busca combinar apoio e distância analítica, supondo que os protestos são um ato histórico a ser decifrado no curso do processo. São atos que denegam

dade de uma resposta articulada, em contraponto às formas abertas e indefinidas de expressão do descontentamento que caracterizam as manifestações atuais.

A perspectiva surpreendente, difusa e descontínua das manifestações, que não dizem respeito a uma categoria social exclusiva ou a uma faixa etária única, constitui um dos elementos provocadores nas análises de cunho mais diretamente político ou sociológico.

É importante não esquecer que os movimentos sociais das décadas de 1970, 1980 e 1990 foram também acionadores da busca de supostos analíticos capazes de entender mobilizações que não estavam restritas à esfera fabril. Várias incursões empíricas e teóricas sobre categorias sociais explicativas para o entendimento das mobilizações e a capacidade de imprimir efeitos na vida social e política pontuaram as discussões (Scheren-Warren, 1999; Gohn, 2000; Barreira, 2011 etc.). Com muita frequência, observou-se na literatura sociológica a referência à “novidade”, tanto atribuída ao que era considerado emergente, em termos de práticas políticas, como ao que aparecia como inusitado nas explicações analíticas. Fatores de ordem motivacional ou normativa, capazes de engendrar lutas simbólicas em torno de formas de reconhecimento (Honnet, 2003) e acionar comunidades morais, têm provocado caminhos teóricos importantes, tendo em vista superar explicações lineares sobre as expressões coletivas de indignação social.

Se as práticas de protesto constituem um processo descontínuo, dotado de sentidos e repertórios múltiplos, essa constatação não significa abdicar da ideia de que as manifestações convocam a uma reflexão sobre o tema das mediações institucionais e da capacidade de canalização de demandas³⁶. O pressuposto de que as manifestações são portadoras de uma linguagem política implica, por outro lado, reconhecer a dificuldade de uma “tradução” teórica para o entendimento dessa ação coletiva.

Para além das dificuldades de enquadramento analítico e político, buscar entender os sentidos e o repertório subjacentes às “vozes das ruas” torna-se um desafio a ser enfrentado pelos interessados na complexidade dos confrontos e símbolos da indignação.

a linguagem exclusiva dos poderes de delimitar os termos de como deve ser a resposta. Ver Zizek, 2012.

36 O tema das mediações foi tratado por Sergio Adorno em exposição feita na mesa do Congresso da SBS, ocasião na qual se referiu à interrupção de comunicação política entre os atores do confronto, subtraindo a interlocução como o elemento fundamental da ação política. Nessa perspectiva, as manifestações apresentam uma nova linguagem na qual a violência está de alguma forma incorporada, reproduzindo o sentido de encenação política mais como espetacularização: um teatro, tragédia, drama ou comédia.

Referências

- ALONSO, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. *Revista Sociologia e Antropologia*, v. 2/3, 2012, pp. 21-41.
- ANTUNES, Ricardo. As rebeliões de junho de 2013. *Observatório Social da América Latina*, Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, ano XIV, n. 34, 2013, p. 38.
- BARREIRA, Irllys Alencar F. Social Movements, Culture and Politics in the Work of Brazilian Sociologists. *Latin American Perspectives*, v 38, n. 3, maio 2011, pp. 150-168.
- BARREIRA, Irllys; STROH, Paula. Movimento dos Desempregados, uma prática fora de tempo e lugar, *Espaço e Debates*, 10, ano III, n. 10, 1984.
- BARREIRA, Irllys; STROH, Paula. Saques e desemprego. *Ciência Hoje*, v. 2, n. 12, 1984, pp. 42-60.
- BERAPA, Marcelo. Após atos, governantes não tem interlocutores. *Estado de S.Paulo*, 14 jul. 2013.
- CANEVACCI, Massimo. *Antropologia da comunicação visual*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança, movimentos na era da internet*. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.
- CAVA, Bruno. A multidão contra o estado, mas também contra o vanguardismo, 19 fev. 2014. Disponível em: <www.quadradodosloucos.com.br>.
- CHAMPAGNE, Patrick. (1990). La manifestation comme action symbolique. In: FAVRE, Pierre (Org.). *La manifestation*. Paris, Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, pp. 329-350.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro, Graal, 1988.
- DOMIGUES, José Maurício. (2013). Las movilizaciones de junio de 2013: explosión fugaz o novíssima história de Brasil? *OSAL*, Buenos Aires, n. 34, nov. 2013, pp. 103-136.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano, artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- FAVRE, Pierre (Org.). *La manifestation*. Paris, Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1990.
- GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo, Loyola, 2000.
- GOHN, Maria da Glória. (2013) As manifestações de junho de 2013 e os movimentos sociais, 2013. Disponível em: <<http://unipress.blog.br>>.
- HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: HARVEY, David. *Cidades rebeldes. Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas no Brasil*. São Paulo, Boitempo, 2013, pp. 27-34.
- HONNET, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo, Editora 34, 2003.

- MAUSS, Marcel. *Sociologia. Dos estudos sobre las formas de socialización*. Espanha, Alianza Editorial, 1986.
- MERLEAU-PONTY, M. (1980). O olho e o espírito. In: *Merleau-Ponty*. São Paulo, Abril Cultural, p. 85-111 (Os Pensadores).
- MOISÉS, José Alvaro; ALIER, Verena. A revolta dos suburbanos, ou patrão, o trem atrasou. In: MOISÉS, José Álvaro. *Contradições urbanas e movimentos sociais*, São Paulo, Cedec/Paz e Terra, 1977, p. 9-86.
- NASCIMENTO, Elimar. Decifra-me ou eu te devoro, 24 jun. 2013, seção Opinião. Disponível em: <www.unb.br/noticias/unbagencia/artigo>.
- NOBRE, Marcos. *Choque de democracia. Razões da revolta*. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.
- OFFERLÉ, Michel. (1990). Descendre dans la rue: de la “journée” à la “manif”. In: FAVRE, Pierre (Org.). *La manifestation*. Paris, Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politique, pp. 90-121.
- RIDENTI, Marcelo. Pesquisadores analisam manifestações, *Jornal da Unicamp*, 27 set. 2013. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp>>.
- SCHEREN, Warren Ilse. *Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização*. São Paulo, Hucitec, 1999.
- TAROW, Sidney. *O poder em movimento. Movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis, Vozes, 2009.
- TILLY, Charles. *Contentious Performances*, Cambridge, Cambridge University Press, 2008.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- ZIZEK, Slavoj. (2013). O violento silêncio de um novo começo. In: HARVEY, David et al. *Occupy*. São Paulo, Boitempo, 2012, pp. 15-25.

Recebido em: 25/02/2014

Aceito em: 23/04/2014

Como citar este artigo:

BARREIRA, Irllys Alencar F. Ação direta e simbologia das “jornadas de junho”: notas para uma sociologia das manifestações. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 4, n. 1, jan.-jun. 2014, pp. 145-164.